TRIVIIS
Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

A roda como tecnologia simbólica e dispositivo afro-midiáticos[1]

The Wheel as a Symbolic Technology and Afro-Mediatic Device

Deivison Moacir Cezar de Campos[2]

O fluxo do escravismo produziu uma fissura inaugural nas culturas negras em diáspora que se constitui na ausência de uma espacialidade geográfica. A travessia representou um corte e um apagamento não só da relação com o lugar, mas com qualquer forma de suporte de memória que não a oralidade para a transmissão do pensamento "do rastro/resíduo que lhe restavam" (Glissant, 2005, p.20), a partir do qual foi possível uma continuidade nos fenômenos culturais contemporâneos a partir de um passado "que os moldou, mas que eles não mais reconhecem e a eles apenas ligeiramente se parecem" (Gilroy, 2001, p.358).

A roda tradicional afro configura-se na primeira tentativa de reconstituição de um território africano em diáspora. A roda na tradição afro-brasileira organiza-se como ressignificação do princípio africano da circularidade que representa "a ciranda da criação [...] símbolo da horizontalidade nas relações humanas" (Oliveira, 2004, p. 38). Nessa cosmovisão, a perspectiva relacional do círculo propõe uma hierarquia que "existe fundamentalmente para a condição de estar a serviço do outro. A circularidade, portanto, propõe uma diferente relação de alteridade" (p. 51), favorecendo a experiência comunicacional.

Na roda tradicional constitui-se um *ethos* que "incorpora e privilegia a musicalidade e tudo o que ela permite de extravasamento emocional e utilização do corpo de modo comunicativo e sensual" (Amaral; Silva, 2006, p. 190). Dinamizada pela música,

[1] Conferência apresentada no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 2 — Classificações: da filosofia-ciência ao ódio classificatório".
[2] Doutor em ciências da Comunicação. Professor efetivo do PPG em Comunicação Social da Pucrs.

corpos e a memória, a roda produz um território transitório que aparece e desaparece de acordo com as interações pessoais. Seu surgimento produz uma profunda afetação espaço-temporal, criando um território simbólico no qual o aqui-agora liga-se à tradição (Campos, 2014). Isso porque o território simbólico é condicionado e limitado pelas sociabilidades ali desenvolvidas. Quanto ao tempo, esse se complexifica ao sobrepor acontecimento, memória (Sasa[3]), tradição (Zamani) e presentificação (Odu). Esse movimento possibilita processos comunicacionais nos quais convergem diferentes circuitos.

Esse dispositivo, entendido como sistema de relações nos quais concorrem controle e participação (Certau, 2014) tem sido utilizado nas mais diferentes práticas socioculturais e possibilitou a permanente presentificação das culturas afro em diáspora, produzindo aquilo que Hall (2003) denomina "tradição não tradicional". Atendendo pressupostos do dispositivo (Braga, 2017), a roda se constitui por códigos compartilhados, demanda reconhecimentos dos ritos e sociabilidades que a desencadeiam, que levam ao desenvolvimento de inferência que a própria presentificação e localização dos códigos – rastros de africanismos.

Toda a cultura afro passa pela roda e pelos batuques – tradicionais, ou midiáticos, pois esse dispositivo foi o lócus de ressignificação e reconstituição das culturas em diáspora e segue nos processos de presentificação. Observa-se nos processos a primazia de atores coletivos, mantendo a característica do comunitarismo, ou eu coletivo africano. A roda produziu uma tecnologia de presentificação cultural, olhando para o passado – o sankofa. Numa visada comunicacional, se aproxima da estratégia inferencial de McLuhan de "olhar para o futuro pelo retrovisor"**.**

Propõe-se então como hipótese que as culturas afro desterritorizliadas, permanente presentificadas pelo dispositivo afro – a roda, encontraram na circulação midiática uma territorialidade possível. Desta forma, propõe-se a construção de um modelo heurístico que busca apreender algumas das estações (Braga, 2017) dos circuitos afro-midiáticos. Esse modelo tem sido utilizado como base teórico-metodológica para investigação, com pretensão epistêmica, da roda de batuques como um dispositivo afro. Da mesma maneira, discute-se a partir de empíricos como o modelo faz emergir rastros

[3] Referências de tempo presente, da memória e imemorial do pensamento Bantu.

de africanismos nos processos de circulação (Fausto Neto, 2018) de produtos midiáticos sobre e a partir das culturas negras, principalmente sonoros e audiovisuais.

As culturas negras resultantes dessa diáspora, marcadas por práticas em *processo* e *fluxo,* encontraram na circulação midiática territorialidades possíveis. A circulação na perspectiva comunicacional trata-se principalmente da circulação de sentidos discursivos, culturais ou de capital inseridos em processos comunicacionais mediados, ou não (Grohamann, 2020). Na perspectiva cultural, que interessa ao objeto em discussão, circulação se refere à

> Maneiras de produzir e consumir ideias, mercadorias e espaços, inclusive com determinados rituais, não somente midiáticos ou de consumo, mas de circulação, isto é, fazer circular determinadas formas culturais, produzindo e/ou modificando vínculos de sentido entre sujeitos e instituições.

A circulação para Fausto Neto (2018), seguindo Verón, pode ter seus principais momentos observados através das gramáticas de produção e reconhecimento, relacionados à cultura em circulação. Na perspectiva do afro, a circularidade característica da diáspora negra foi potencializada desde a criação dos dispositivos fonográficos, dinamizando a circulação e a permanente presentificação necessária a tradição em movimento a partir das quais se organizam relações de identidade e resistência (Campos, 2014). Esse uso dos mídias aprofundou as relações comunicacionais que se iniciaram, segundo Gilroy (2001), com a circulação de navios.

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a aceleração da circulação de informações facilitou a comunicação entre as culturas negras em diáspora, o que produziu uma espacialidade em fluxo para a ancoragem dessa tradição igualmente em movimento. Desta maneira, as relações mediadas dão continuidade às sociabilidades tradicionais das culturas negras e, ao mesmo tempo, produzem novas sociabilidades.

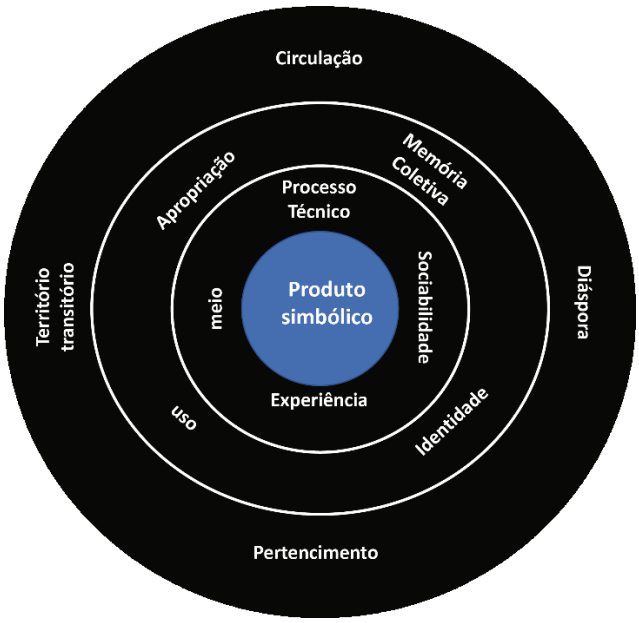
Observa-se nesse processo de circulação de produtos e nas diferentes formas de apropriação e uso deste, incluindo a presentificação da tradição, a constituição de um circuito afro midiático. O circuito, nesta perspectiva configura-se em

> [...] uma base objetivada para aquilo a ser repassado como circulação de ‘mãos em mãos’. A cada ponto nodal ou ‘estação’ identificável, são realizadas ações interacionais, adjunção de códigos, geração de inferências – desenvolvendo, portanto, outros sistemas de relação entre os componentes aí articulados (Braga, 2017, p. 44).

A midiatização dos ethos afro, portanto, possibilitou um maior acesso aos rastros de africanismos, facilitado por esse atravessamento dos sistemas de circulação midiática e circularidade afro, produzindo igualmente o da esfera pública capitalista com a esfera pública alternativa negra. Por outro lado, configurou uma territorialidade em fluxo para essa cultura viajante, antes desterritorializada.

A apropriação insolente de produtos midiáticos produzidos na e partir das culturas negras tem possibilitado a construção de territorialidades simbólicas, acionando a tecnologia da roda. Esse atravessamento, resultado da afetação espaço-temporal e da articulação experiencial-midiática, produz o *circuito afromidiático* que, nas "estações identificáveis", configura três ciclos – materialidades, simbólico e o comum afro, em que podem ser observados os atravessamentos socio-midiáticos, ou seja, a relação entre a esfera pública alternativa negra e a esfera pública capitalista. A partir dessas proposições, o circuito adquire a seguinte conformação:

Figura 1 — *circuito afromidiático*



Fonte: Elaborado pelo Autor (2024).

O circuito observa processos de constituição do comum a partir a partir de *produtos simbólicos* que carreguem rastros de africanismos. Esse comum, produzido no consumo coletivo, constitui uma territorialidade – uma ambiência midiática, na qual a

tradição e o pertencimento são presentificados e produzidos. O consumo se refere ao "conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos" (Garcia-Canclini, 2008, p.60).

O eixo espaço-temporal relaciona o *território transitório* com a *diáspora*, a partir da relação *mídia* e as *sociabilidades*. Essa relação se dá pelo acionamento da tecnologia da roda possível de observar no eixo experiencial-midiático em que os rastros de africanismos, colocados em *circulação* por *processos técnicos*, são *experienciados* produzindo diferentes formas de *pertencimento*.

O cruzamento dos eixos produz o ciclo das materialidades, em que se encontram processos midiáticos, *meio* e *processo técnico*, e do afro, *sociabilidades* e *experiência*. Também o ciclo das processualidades simbólicas, no qual *território transitório* e *circulação* fundem-se com *diáspora* e *pertencimento*. O ciclo das medições é formado pelas estações *memória coletiva*, *apropriação*, *uso e identidade* – lido no sentido anti-horário do circuito, seguindo em direção à ancestralidade, o que reforça a característica de contramodernidade (Gilroy, 2001) da identidade cultural afro.

Os processos contidos no circuito pretendem apreender o movimento e, portanto, os afros resultantes não aspiram nenhum tipo de essencialismo. Pelo contrário, a abertura das estações – teórica e contextual, busca dar conta das possibilidades de fluxo e presentificação que marcam a essa tradição não tradicional, com suas características de "mesmo mutante" (Gilroy, 2007). Igualmente, os empíricos e o lócus de observação garantem a abertura necessária para apreender os fenômenos relacionados às culturas negras na diáspora. Trata-se de uma proposição epistêmica ainda em desenvolvimento.

Referências

Amaral, Rita; Silva, Vagner Gonçalves da. Foi conta para todo canto: as religiões afrobrasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. *Revista Afro-Asia*, nº 34, 2006. p. 189-235.

Braga, J.L. Dispositivos Interacionais. In: Braga, J.L., Rabelo, L., Machado, M., Zucolo, R., Benevides, P., Xavier, M.P., Calazans, R., Casali, C., Melo, P.R., Medeiros, A.L., Klein, E., and Pares, A.D. *Matrizes interacionais:* a comunicação constrói a sociedade [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 16-41. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6. https://doi.org/10.7476/9788578795726.0002.

Campos, Deivison Moacir Cezar. Do disco à Roda. *A construção do pertencimento afro-brasileiro pela experiência na festa Negra Noite*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos, São Leopoldo, 2014.

Certau, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Fausto Neto, Antônio. *Circulação*: trajetos conceituais. Rizoma. Santa Cruz do Sul. V.6, n.2. Dez. 2018.

Garcia-Canclini, Nestor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro. Ed.UFRJ, 2008.

Gilroy, Paul. Entrecampos. *Nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Anablumme, 2007.

Gilroy, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34. 2001.

Glissant, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

Grohmann, Rafael. O que é circulação na comunicação? Dimensões Epistemológicas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 27, p. 1-13, jan.-dez. 2020

Hall, Stuart. *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais, Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Oliveira, Eduardo David de. *Cosmovisão africana no Brasil*: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2004.